



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

**A CENA E O PARQUE: UM OLHAR SOBRE AS VIVÊNCIAS DA CLASSE
TEATRAL PERNAMBUCANA NO TEATRO DO PARQUE**

RECIFE
2023

HELENA MARIA FARIAS CLAUDINO DOS SANTOS

**A CENA E O PARQUE: UM OLHAR SOBRE AS VIVÊNCIAS DA CLASSE
TEATRAL PERNAMBUCANA NO TEATRO DO PARQUE**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Luís Augusto da Veiga Pessoa Reis

RECIFE
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Helena Maria Farias Claudino dos.

A cena e o Parque: Um olhar sobre as vivências da classe teatral pernambucana no Teatro do Parque / Helena Maria Farias Claudino dos Santos.
- Recife, 2023.

34 p. : il.

Orientador(a): Luís Augusto da Veiga Pessoa Reis

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Teatro - Licenciatura, 2023.

1. Teatro do Parque. 2. Teatro em Pernambuco. 3. Formação artística. I. Reis, Luís Augusto da Veiga Pessoa. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

“Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória.”
(SARAMAGO)

AGRADECIMENTOS

Em anos de caminhada, muitos são os nomes que entram em nossas vidas. Alguns saem, outros permanecem, mas todos, de uma forma ou de outra, agregam e impactam a nossa jornada.

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, pelo presente de aproveitar o agora e a chance de recomeçar todos os dias.

À minha família. Minha mãe, Romerita Farias, meu maior apoio, exemplo e torcida. Descobri o que era teatro vendo-a em cena e entendi que era aquilo que gostaria de seguir. Foi acompanhada por ela que eu sempre ia ao Teatro do Parque e não imaginaria que hoje estaria aqui falando sobre ele. Ao meu pai, Álvaro Claudino, por sempre entrar de cabeça nos meus sonhos e me manter confiante em qualquer caminho que eu escolha seguir. Às minhas tias, Rita Cláudia Farias e Elizabeth Cardeal, meus exemplos de dedicação, cuidado e alegria. Em especial à minha tia Richelline Farias, que, desde de que eu era pequena, viu potencial em mim e sempre fez o que pôde para que eu me encontrasse, não importa onde. Aos meus avós, Rita Farias, José Romeu Farias, França Santos e Severino Claudino, que mesmo não entendendo direito o que eu fazia na faculdade, sempre me apoiaram.

Às minhas amigas que a universidade deu, Letícia Pena e Isabela Vasconcelos, aqui um capítulo se encerra, mas sei que não é o nosso. Vamos, juntas, desbravar novos horizontes. Não me vejo mais sem vocês. À Fernanda Nascimento e Lara Mano, minhas companheiras de escrita e de vida, obrigada por todos os momentos e partilhas. Caminhamos juntas nesta reta final e eu não conseguiria sem a companhia de vocês.

Gostaria de agradecer aos meus professores. Sempre vi a figura do professor como a de um mestre, que nos guia e nos abre portas para o desconhecido. Obrigada por me fazerem ter a confiança que é no desconforto que crescemos. Agradeço por todos os ensinamentos, vivências e descobertas, Igor de Almeida, Marianne Consentino, Kalyna Aguiar, Izabel Concessa, Roberto Lúcio, João Denys, Rose Mary de Abreu Martins, Clara Camarotti, Felipe Bracciali, Vika Schabbach e Rodrigo Dourado, vocês são verdadeiros mestres e inspirações para mim.

Ao meu orientador, Luís Reis, por sempre enfatizar a importância do meu trabalho e por acreditar em mim nas inúmeras ocasiões em que eu mesma duvidava. Sua admiração pelo teatro e sua história é verdadeiramente contagiante, tornando todo o processo prazeroso e leve. Agradeço imensamente pela parceria, afeto, paciência e dedicação.

Aos profissionais que entrevistei. Marcelino Dias, Oséas Borba Neto, Kalyna Aguiar,

Pedro Portugal e Giordano Castro. Obrigada pela disponibilidade e pela partilha de suas experiências. Este trabalho não seria possível sem vocês.

À banca examinadora, Igor de Almeida e Marcelino Dias. Obrigada por aceitarem meu convite e pela disponibilidade de troca com meu trabalho.

À equipe do Teatro do Parque: Marcelino Dias, Cadu Sales, Mônica Mota, Pedro Portugal, Amélia Fragoso, Luciana Bispo e toda a equipe técnica. Obrigada por me acolherem tão bem e fazerem a minha experiência de estágio única. Aprendi muito com vocês e serei eternamente grata por tudo.

A todos os meus amigos que me acompanharam até aqui. Obrigada por estarem presentes quando mais precisei e por sempre me incentivarem em minhas escolhas. A Juliana Fragoso, minha amiga de infância que viu meus sonhos começarem e agora acompanha uma parte deles se concretizar. Obrigada por sempre estar aqui, mesmo que de longe.

Escutei em uma aula do professor Felipe Bracciali que não somos individuais, mas sim multidões. Somos feitos por nossas famílias, pelas escolas em que passamos, pelos professores que nos tocaram, pelos nossos amigos... Por isso, agradeço a todos que passaram pelo meu caminho, hoje sou um pedaço de todos vocês.

Ao Teatro do Parque, pela sua capacidade de fazer e ser história.

RESUMO

Este trabalho, situado na interface entre o campo da mediação cultural e o da Pedagogia do Teatro, analisa a relevância do Teatro do Parque para a cena teatral pernambucana, percebendo esse tema como potencial conteúdo a ser trabalhado por docentes de Teatro. Para tal, inicialmente, esta monografia traz um sobrevoo da história do Teatro do Parque, desde sua fundação até a contemporaneidade, destacando os acontecimentos ligados ao tumultuado processo de restauro físico por que passou essa centenária casa de espetáculos, entre os anos de 2010 e 2020. Em seguida, apresentam-se os resultados de entrevistas semiestruturadas realizadas com um grupo de profissionais da área teatral, a fim de refletir sobre o vínculo que eles têm com o Teatro do Parque. Interpretando os depoimentos dados, confirma-se a relevância desse espaço para a vida cultural e artística do Recife, como lugar de formação e de difusão de saberes teatrais.

Palavras-chave: Teatro do Parque; Teatro em Pernambuco; Formação artística.

ABSTRACT

This work, situated at the interface between the field of cultural mediation and Theater Pedagogy, analyzes the relevance of the Teatro do Parque to the theater scene in Pernambuco, perceiving this theme as potential content to be explored by theater educators. To do so, initially, this Monograph provides an overview of the history of Teatro do Parque, from its foundation to the present day, highlighting the events related to the tumultuous process of physical restoration that this century-old theater underwent between the years 2010 and 2020. Next, the results of semi-structured interviews conducted with a group of theater professionals are presented in order to reflect on the connection they have with Teatro do Parque. Interpreting the statements provided, the relevance of this space for the cultural and artistic life of Recife is confirmed, as it serves as a place for development and dissemination of theatrical knowledge.

Keywords: Teatro do Parque; Theater in Pernambuco; Artistic formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Linha do tempo

21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O PARQUE QUE NUNCA EXISTIU: UM BREVE RESGATE DA HISTÓRIA DO TEATRO DO PARQUE	15
2.1 O Teatro do Comendador Bento Luiz de Aguiar.....	15
2.2 Grades fechadas e protestos na porta	18
3 ENTRE PALCOS, BASTIDORES E FORMAÇÕES: O QUE DIZ A CLASSE TEATRAL PERNAMBUCANA	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Localizado no coração da cidade do Recife, o Teatro do Parque, com seu amplo espaço, é um verdadeiro oásis no meio de ruas e avenidas movimentadas. Desde 1915, ano de sua fundação, o Teatro do Parque vem sendo palco de grandes acontecimentos artísticos e culturais, como, por exemplo, a estreia do Teatro Popular do Nordeste – TPN, com a peça “A pena e a lei”, de Ariano Suassuna, dirigida por Hermilo Borba Filho, em 1960 (REIS, 2018). Igualmente, tem abrigado protestos e reivindicações, como a Virada Cultural do Teatro do Parque, em 2017, uma das manifestações feitas pela classe artística recifense, cobrando a reabertura daquele espaço, então fechado para restauro havia muitos anos (BARROS, 2017).

Tais reivindicações pela reabertura do teatro não surgiram aleatoriamente. Se firmaram em virtude da longa estrada de grandes espetáculos ali encenados, assim como da relação afetiva dos cidadãos com o espaço. Como pontua Lêda Dias, “O Teatro do Parque ainda tem essa atmosfera acolhedora, onde a comunidade de artistas e seus frequentadores podem sentir-se à vontade, em casa” (DIAS, 2008, p. 47).

Ao longo de décadas, desde as encenações da Companhia de Revistas e Operetas do Theatro Lisboa, cuja temporada no Recife inaugurou o espaço, passando pelas famosas sessões de cinema a preços populares, os mais diversos shows e concertos musicais, com destaque para o Projeto Seis e Meia, a realização da I semana de Teatro Universitário de Pernambuco, além de uma intensa programação de espetáculos teatrais, para crianças e para adultos (DIAS, 2008). O Teatro do Parque formou plateias e espectadores, que lotavam a casa para ter uma experiência artístico-cultural. Desse modo, foi um importante vetor de desenvolvimento para a cena teatral, sendo espaço para grupos de teatro e palco para grandes nomes da cena recifense.

Quem caminha pelas ruas do Centro do Recife, em específico pela Rua do Hospício, pode observar a situação de descaso em que a área mais antiga da cidade se encontra. Casos de violência, insegurança, mal descarte de lixo e ausência de auxílio para as pessoas em situação de rua que circulam por ali compõem o cenário em torno do Teatro do Parque que, muitas vezes, acaba um tanto invisibilizado por aquele grande caos urbano. Assim permaneceu, particularmente, durante os dez anos em que esteve fechado, não caindo em esquecimento apenas graças ao empenho dos artistas que lutaram pela sua reabertura, permanecendo vivo na memória das pessoas que em alguma ocasião puderam frequentar aquele espaço, sobretudo nos seus momentos de apogeu.

Reaberto em 2020, tendo sido fechado em 2010 para um necessário restauro, a importância do Teatro do Parque se fez ainda mais evidente, nesse longo período em que a cidade não pôde contar com esse valioso espaço cultural. O hiato suscitado pelo seu restauro não fez o Teatro do Parque fechar somente suas cortinas e pausar sua programação para a cidade, mas também causou em seu entorno maior vulnerabilidade perante ao descaso e à violência urbana. Situação que foi e ainda é combatida por artistas e por frequentadores. Consoante afirma, ao *Jornal do Commercio*, Oseás Borba Neto, fundador do grupo de teatro João Teimoso e empenhado atuante nos protestos em prol da abertura do Teatro do Parque: “(...) a gente ainda quer a revitalização do seu entorno, como a Praça Maciel Pinheiro, a Casa de Joaquim Nabuco e Clarice Lispector. Não adianta ter mais de 100 anos reformado e o povo ter medo de vir” (BORBA NETO, 2022).

Agora aberto e restaurado, o Teatro inicia um novo capítulo de sua história, trazendo de volta antigos espectadores, formando novas gerações de plateia, e possibilitando aos novos artistas sentir o mesmo frio na barriga daqueles que antes performaram nesse palco.

Entretanto, apesar da longa história do Teatro do Parque e do seu evidente relevo para o desenvolvimento da arte e da cultura na cidade do Recife, pouco se tem em material bibliográfico a respeito das experiências ali vividas pela classe teatral pernambucana. Mediante a necessidade de maior conhecimento a respeito dessa relação, esta pesquisa busca compreender qual é a importância do Teatro do Parque para a cena teatral pernambucana. Sob essa ótica, este trabalho tem como objetivo geral analisar a relevância do Teatro do Parque para a cena teatral pernambucana. Além de os seguintes objetivos específicos: investigar a história do local, com base em documentos e em fontes bibliográficas; revisitar os acontecimentos ligados ao tumultuado processo de restauro; e, por fim, refletir sobre o vínculo entre o Teatro do Parque e a classe teatral de Pernambuco.

O primeiro capítulo é marcado por dois grandes momentos da história do local: sua construção, seu fechamento em 2010 e os protestos suscitados pela demora na conclusão do restauro, juntamente com a reabertura em 2020.

Já no segundo capítulo, são dispostas as entrevistas realizadas com o grupo selecionado de artistas teatrais recifenses, pessoas com reconhecida relevância nessa área, sendo relatadas suas experiências com o Teatro do Parque.

Por fim, nas considerações finais, é feita a reflexão do que foi posto em discussão a partir das entrevistas.

Com a finalidade de obter tais informações, em primeiro momento a respeito da história do local, obras publicadas pelos seguintes autores nos foram de grande valia: Lêda Dias, historiadora e autora do livro sobre o Teatro do Parque: *Cine-teatro do Parque - um espetáculo à parte* (2008) e Luís Reis, pesquisador do teatro em Pernambuco, notadamente com seu livro *Teatro Popular do Nordeste: o palco e o mundo de Hermilo Borba Filho* (2018).

Em paralelo, foram feitas consultas a diversos acervos (Arquivo Público Estadual, Biblioteca Pública do Recife, Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco, Companhia Editora de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco), em busca de documentos (matérias de jornais, entrevistas, artigos) sobre o Teatro do Parque, especialmente no que diz respeito ao período em que foi decidido fechar as suas portas para restauro, seguido por todos os protestos ocorridos ali.

Visando alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa busca se desenvolver em uma abordagem qualitativa. A escolha por esse tipo de investigação se fundamenta pela necessidade de conhecer a experiência de terceiros, levando em conta suas subjetividades. Como afirma Godoy (1995, p. 58), uma pesquisa qualitativa

Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Segundo Gil (2002, p. 42), as pesquisas, a depender dos seus objetivos, podem ser classificadas “em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas”. Considerando a amplitude do caráter investigativo, de busca sobre o vínculo entre o Teatro do Parque e a classe artística pernambucana, e o ineditismo do estudo, entendemos que, de certo modo, tratamos, aqui, de uma pesquisa exploratória, uma vez que buscamos tornar mais familiar o que está sendo posto em análise. A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas, realizadas após o levantamento bibliográfico vislumbrando o recorte histórico sobre a fundação do Teatro.

Ainda segundo Gil (2002, p. 43), podemos também classificar as pesquisas com base nos procedimentos técnicos que virão a ser utilizados para coleta de dados, separando-as em dois grupos. (GIL, 2002, p. 43):

Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem de chamadas fontes de “papel” e aqueles cujos dados são fornecidos por

pessoas. No primeiro grupo, estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo, estão a pesquisa experimental, a pesquisa *ex-post facto*, o levantamento e o estudo de caso.

Com isso, é possível afirmar que esta pesquisa se divide em dois momentos. O primeiro momento se caracteriza pela parte bibliográfica e documental, buscando informações a respeito da história do Teatro do Parque, sobre o turbulento momento de protestos e o fechamento para restauro. O segundo momento assume um teor mais fenomenológico. Gil (2019) afirma que a pesquisa fenomenológica se dá justamente pela sua flexibilidade e pelo foco na compreensão da vivência pessoal de terceiros, tendo justamente entrevistas, que aqui também serão utilizadas, como maior procedimento adotado.

No que diz respeito à pesquisa bibliográfica, primordialmente, foram buscadas fontes como: livros, artigos, dissertações e teses, identificados por meio de sistemas de busca, na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, assim também como na Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Palavras-chave como: Teatro em Pernambuco, Teatro do Parque, e História do Teatro foram utilizadas para a busca.

A pesquisa documental foi realizada por meio de fontes de arquivos, jornais, matérias jornalísticas e reportagens, consultadas, sobretudo, nos acervos das seguintes instituições: Arquivo Público Estadual e Fundação Joaquim Nabuco.

Diante da necessidade de conhecimento de memórias afetivas, assim como de vivências pessoais no espaço teatral, como dito anteriormente, foram realizados momentos de contato direto com representantes da classe teatral pernambucana, visando colher informações para análise, tendo como mecanismo de coleta a entrevista semiestruturada.

As entrevistas serão realizadas *online*, via *Google Meet*, ou de forma presencial, com um grupo de cinco participantes da cena teatral recifense, entre eles: atores, atrizes, dramaturgos, gestores e produtores. Seguindo um roteiro, foram realizadas perguntas a respeito das experiências profissionais de cada um, vivências no Teatro e memórias afetivas dos profissionais com o local.

A utilização do formato de entrevista semiestruturada se dá pela flexibilidade que ela tem, já que possibilita ao entrevistador ter um roteiro básico de perguntas, permitindo a liberdade de instigar novos questionamentos ou de aprofundar questões discutidas com o entrevistado, a depender do desenrolar da entrevista.

A curadoria, isto é, a escolha dos entrevistados, foi feita por meio da relevância que tais pessoas têm na cena teatral da cidade, como também pelo tempo em que estão atuando nos palcos locais. O questionário contou com quatro perguntas, buscando informações

peçoais (identificação dos entrevistados) e profissionais do entrevistado e sua relação com o Teatro do Parque.

Após a realização das entrevistas, foram observadas as respostas de maneira individual, destacando partes relatadas pelos entrevistados.

Desse modo, esta pesquisa busca dar visibilidade à importância que o Teatro do Parque tem, em primeira instância, para a classe teatral pernambucana, mas que, por consequência, se estende para toda a cena cultural da cidade do Recife.

Relembrar sua história, até os dias atuais, reforça a ideia de que o Teatro do Parque não pode ceder à situação de abandono presente em seu entorno. Ter um equipamento de cultura ativo, com grades de horários preenchidas por espetáculos, sessões de cinema e por outras diversas apresentações movimentam a área, dá visibilidade para aquela redondeza e cria um potencial de recuperação do que está à sua volta – de certo modo como ocorreu em São Paulo, na praça Franklin Roosevelt, antes totalmente degradada, com acúmulo de lixo e má conservação, mas que foi se recuperando desde quando o grupo teatral Os Satyros se instalou ali, em 2000, chamando a atenção não somente de outros grupos mas também de estabelecimentos comerciais sobre o potencial daquela área, num movimento que revitalizou a praça, como afirma o geógrafo Jair César Ferreira (2009, p. 25):

Em 2000, o Espaço Satyros, após se instalar no local, começou a atrair outras companhias de teatro e em pouco tempo toda a boemia artística e apreciadores do gênero teatral passaram a abarrotar a Rua Martinho Prado. Processo que começou a atrair novamente a classe média para a praça Roosevelt e fez subir o valor dos imóveis do local. Jovens que vão assistir às peças passaram a frequentar cafés, bares e restaurantes próximos.

Assim, este trabalho, para além de sua relevância como recuperação da história cultural da região, se justifica ainda por dar uma significativa contribuição para o campo da Pedagogia do Teatro, afinal o conhecimento dos espaços teatrais é, também, uma potencial área de interesse, a ser explorada por professores de Teatro, como conteúdo de suas aulas. No contexto do Curso de Teatro/ Licenciatura, da Universidade Federal de Pernambuco, esta pesquisa tem inequívoca pertinência, uma vez que se estuda a história do teatro em Pernambuco, embora de certo não com o devido aprofundamento, especialmente no que diz respeito aos espaços cênicos, isto é, à arquitetura teatral no estado. Trata-se, portanto, de uma oportunidade de dar mais visibilidade à questão, já que a cidade do Recife tem grandes casas de espetáculos, antigas e com uma rica diversidade de histórias.

Por fim, devo mencionar o significado desta investigação para mim, pesquisadora, como licenciada em Teatro. O apreço e o carinho, tanto da equipe que mantém o Teatro do

Parque em funcionamento, com muita dedicação, quanto dos visitantes e dos espectadores, são uma força realmente atravessadora. Pude, durante meu estágio curricular, entre setembro/2021 e fevereiro/2022, ser a responsável pela visita guiada do espaço, contando a história do Teatro Parque, falando sobre sua restauração, podendo acompanhar as atividades culturais que lá aconteciam. Gostava sempre de iniciar as visitas perguntando quem já conhecia ou quem já tinha ido ao local; e diversas foram as histórias contadas pelos visitantes, sempre com muito afeto. Até mesmo quando a pergunta era esquecida, muitos faziam questão de mencionar algo que presenciaram ou momentos felizes que tiveram com pessoas especiais no longo corredor do Teatro, além de apresentações feitas e guardadas na memória, romances que surgiram e vivências artísticas que deixaram lembranças marcantes, histórias contadas com olhos marejados e sorrisos estampados.

Observei em mim, também, como o Teatro do Parque me remete a boas lembranças. Memórias de infância em que minha mãe, pessoa que me apresentou ao teatro, levava para sessões de cinema e para peças teatrais, fazendo nascer ali em mim a curiosidade e a admiração por tal arte. Percebi como o Teatro do Parque contribuiu para minha formação enquanto espectadora e, posteriormente, como atriz e estudante de licenciatura em Teatro. Levantei, assim, a possibilidade do conhecimento de outras histórias de artistas que tiveram também suas experiências vividas naquele teatro-jardim.

Movida por essas memórias saudosas e alegres, revividas pela experiência de mediação nas visitas guiadas ao espaço, resolvi estudar mais a fundo sobre o espaço pelo qual criei, também, tantas memórias felizes como espectadora e estagiária.

2 O PARQUE QUE NUNCA EXISTIU: UM BREVE RESGATE DA HISTÓRIA DO TEATRO DO PARQUE

2.1 O Teatro do Comendador Bento Luiz de Aguiar

Nascido em Vila do Conde, Portugal, em 1861, Bento Luís de Aguiar veio para o Brasil como estratégia para não realizar o desejo de seus pais de que ele se tornasse padre (DIAS, 2008). Com o apoio de seu padrinho, ele partiu, aos 12 anos. Ao chegar em Pernambuco, em 5 de dezembro de 1873, Bento foi recebido pelo Convento da Piedade, que o educou em seus moldes religiosos. Quando completou 15 anos, por meio da influência de seu tio, Bento Luís iniciou seu primeiro trabalho no comércio, como vendedor em uma loja de tecidos. Devido ao seu destaque, o então proprietário o convidou para ser sócio da loja. Com isso, Bento se desenvolveu e prosperou na área do comércio têxtil. Contudo, o comerciante também buscou ingressar em outros setores, sendo sócio da Azevêdo e Cia, fabricante e distribuidora de tabaco.

Casado com Josephina Barros de Aguiar, com quem teve seis filhos, Bento de Luís tornou-se uma figura de extrema influência, sendo atuante na colônia portuguesa em Pernambuco, sendo nomeado Provedor e Protetor do Hospital Português de Beneficência, onde realizou feitos quando o Hospital passava por tempos de crise, o que lhe gerou, em 1907, o título de Comendador, dado pelo rei português D. Carlos I. Foi, também, fundador e diretor honorário da Companhia de Bombeiros, diretor do Monte Pio Português e sócio da Associação Portuguesa de Beneficência e do Gabinete Português de Leitura.

Tendo em vista proporcionar à cidade um espaço que contribuísse para o entretenimento, o comendador Bento de Aguiar adquiriu um extenso terreno no bairro da Boa Vista. Sua intenção era que ali fosse criado um complexo, constituído por um teatro, por um hotel e por um parque de diversões, que terminaria por nomear tanto o teatro quanto o hotel: Teatro do Parque e Hotel do Parque. Como afirma Lêda Dias “O Teatro era do Parque de Diversões, e por isso a designação do Teatro era Teatro do Parque, e não Teatro Parque, como algumas vezes foi chamado” (DIAS, 2008, p. 51).

O primeiro a ser construído foi o Hotel do Parque, designado a hospedar os artistas e os grupos teatrais que se apresentariam no teatro idealizado, que seria inaugurado em 1915. Com um jardim amplo, rodeado por cadeiras de ferro e madeira, o Teatro do Parque começou a ser construído em 1910, com todo o material trazido de barco, vindo da Alemanha. Para além do espaço externo, o teatro era, e assim permanece, rodeado por janelas. Toda a sua arquitetura foi feita em estilo *Art-nouveau*. O hotel e o teatro se conectavam, tendo a bilheteria

dentro do Hotel do Parque. No dia 24 de agosto de 1915, o teatro foi aberto junto com a estreia da Companhia Portuguesa de Operetas e Revista, do Teatro Avenida. A imprensa, com grande expectativa sobre o mais novo empreendimento, noticiou a abertura da nova casa de espetáculos: “HOJE Inauguração do melhor e mais elegante Theatro do Recife. Estréia da Companhia Portuguesa de operetas e revistas do Theatro Avenida de Lisboa.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1915).

No dia 2 de setembro de 1915, uma semana após a inauguração do Teatro do Parque, morre o Comendador Bento de Luís Aguiar. Sua ideia de complexo de diversão não consegue ser concluída, sendo construído somente o Hotel do Parque e o Teatro do Parque. Ao que indica o Comendador teria falecido em decorrência a febre bubônica, doença encontrada nas pulgas de ratos contaminados, que chegou ao Recife no ano de 1902, pelo vapor Gundulic, de Trieste, na Itália (PARENTE; MIRANDA, 2023).

Com a morte do Comendador, o teatro é herdado pela família, uma metade para a viúva Josephina Barros de Aguiar e a outra metade para os seus filhos herdeiros.

O Teatro do Parque foi, posteriormente, arrendado pelo grupo Severiano Ribeiro, empresa proprietária das maiores salas de cinema do Recife, contribuidora, em especial, para salas exclusivas para filmes de arte, sendo de extrema importância para o cinema de arte na cidade, como afirma o crítico de cinema Fernando Spencer (SPENCER, 1967b, p. 7).

Diversas linguagens eram apresentadas no palco do teatro, fora as encenações teatrais. Era possível ir ao Teatro do Parque e assistir a apresentações circenses, a lutas greco-romanas e a filmes, uma vez que foi construído já portando uma máquina cinematográfica. O cinema foi mais desenvolvido com a chegada do grupo Severiano Ribeiro.

Em 1929, agora já administrado por Luiz Severiano Ribeiro, o teatro passa pela sua primeira grande reforma, objetivando criar um espaço notável de sessões de cinema, que pudesse acomodar todo o público e se tornar referência no Norte e Nordeste do país.

Com o passar dos anos, uma disputa entre o cinema e o teatro tomou conta do palco do Teatro do Parque. Tendo em vista a escassez de teatros no Recife, a classe artística pernambucana passou a cobrar das autoridades a abertura de novas casas de espetáculos. Existia uma preocupação com o Teatro do Parque, uma vez que o cineteatro exibia mais filmes do que espetáculos teatrais.

O clamor realizado por grandes nomes da cena recifense, como Valdemar de Oliveira e Hermilo Borba Filho, foi atendido pelo governo municipal de Pelópidas da Silveira, que tomou a decisão de desapropriar o teatro, em 1959. O Teatro do Parque passa, então, a pertencer à Prefeitura Municipal do Recife. Isso suscitou uma nova reforma, com novas

pinturas, aperfeiçoamentos técnicos e estruturais.

Nos anos de 1970, passado o período de entraves vividos, o Teatro do Parque volta com as exposições de cinema. Tornando-se, mais uma vez, um espaço de multilinguagem, com teatro, cinema, dança, artes visuais e até mesmo como sede da Banda Sinfônica do Recife, criada em 1958, na gestão do prefeito Pelópidas da Silveira. Os problemas de conservação do Teatro já estavam presentes na década de 1980, sobretudo na parte elétrica e na hidráulica, além de que o sistema de prevenção contra incêndio estava comprometido.

Em 1986, parte do teto do Teatro desabou devido às fortes chuvas, ocasionando infiltrações na casa de força. Tal quadro exigiu que o Tendo fosse interditado, para que as obras fossem realizadas. Realizadas as mudanças, como a volta das venezianas de madeiras, posicionadas sobre toda a extensão externa do teatro, as quais foram retiradas durante a reforma na década de 60, o Teatro do Parque reabre em 29 de outubro de 1988.

O Teatro do Parque também tem marcado em sua história projetos culturais que traziam para a cidade espetáculos de teatro nacionais, companhias de dança e renomados nomes da música brasileira. Dentre esses projetos, voltados para a música, podemos destacar o Seis e Meia e o Pixinguinha, os quais ofereciam entradas por um preço acessível a shows de artistas nacionais de grande sucesso. Extremamente aclamados, os projetos mobilizaram toda a mídia recifense, que sempre destacavam a divulgação dos mesmos. Podemos observar na matéria do Diário de Pernambuco (1981, p. 6):

A partir de segunda-feira, o público recifense volta a contar com espetáculos musicais ocupando o horário das 18h30m no Teatro do Parque. O “Projeto Seis e Meia” (ex-Pixinguinha) estréia nesta capital no próximo dia 6 com a dupla Marisa Gata Mansa e Ruy Maurity, que se apresentarão até o dia 10 [...] O projeto utiliza a mesma forma de trabalho, horário, modalidade e filosofia que consagrou o Projeto Pixinguinha em 1979.

Assim como na área musical, o Teatro do Parque também se destacava em suas sessões de cinema, com o mesmo viés de preços mais acessíveis para o público. Com isso em mente, foi implementado novas sessões, que se iniciavam às 16h30, buscando atrair maiores públicos, como estudantes, já que a localização do teatro era bastante central e próxima a colégios.

A casa de espetáculos, mesmo com problemas técnicos como de acústica e de climatização, seguiu em funcionamento até 2010, quando a cidade viu os grandes portões na Rua do Hospício fechados, com placas de interdição.

2.2 Grades fechadas e protestos na porta

Com problemas de infiltração que chegaram a danificar as estruturas hidráulicas, físicas e elétricas, o Teatro do Parque presenciou mais uma reforma em sua trajetória. Dessa vez, um restauro, já que foi preservado suas características originais. Contudo, o que a cidade, os espectadores, as pessoas do meio artístico e os comerciantes do entorno não esperavam é que, por muitos anos, a imagem mais próxima que teriam do grande teatro-jardim seriam as pequenas brechas por suas grades fechadas.

Com a finalidade de uma maior compreensão a respeito do período em que o teatro esteve em restauro, será disposto aqui uma linha do tempo, cronológica, apenas com títulos capazes de sintetizar o que foi realizado naquele determinado ano.

Em 2010, ano em que o teatro foi fechado, seria o início das obras, o que não foi realizado. Somente em 2013 foi divulgado que as obras começariam. O prazo de entrega seria em 2015, ano do centenário do Teatro do Parque. Ainda em 2013, as reivindicações para a abertura começaram a surgir. A classe artística pernambucana passou a se organizar para a realização de protestos. Esse marco muito se deu devido aos avanços tecnológicos chegados na época, quando os movimentos puderam se unir por meio de páginas de comunidades em redes sociais. É necessário que, antes de darmos continuidade à ordem cronológica dos acontecimentos, observemos o impacto que tal união tecnológica foi capaz de concretizar mundialmente.

Com a chegada da internet, em 1969, a globalização conquistou seu espaço na nova era, como afirma o jornalista e escritor Dênis de Moraes em “a rede mundial de computadores (internet) também se constitui num novo instrumento para a globalização econômica e cultural, com conseqüências positivas e negativas em diversas áreas” (MORAES, 2003, apud SILVEIRA, 2004, p. 45). A um clique, qualquer interação no mundo todo era possível. As redes sociais não eram somente plataformas de conexão entre desconhecidos com gostos similares, mas também espaços para declarações políticas e para organizações de movimentos sociais.

As comunidades fundadas no meio digital eram, e ainda são, capazes de unir milhares de pessoas em prol de um mesmo propósito. Organizados, esses grupos levantam pautas, discussões e protagonizam manifestações capazes de realizar mudanças efetivas. Podemos citar, por exemplo, a Primavera Árabe, ocorrida a partir de 2010.

Em meio a um contexto de insatisfação popular, repressão, pobreza e perdas de direitos fundamentais, os protestos ocorridos no norte da África e no Oriente Médio foram apoiados em redes sociais, já que os governos ditatoriais obtinham domínio dos meios de

comunicação. Os protestos foram realizados nas ruas, que obtiveram como resultados a deposição de ditadores de diversos países. A fim de evidenciar a atuação das redes sociais nas manifestações, a mestre em letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, Denise Bazzan, diz o seguinte (2023):

Portanto, o canal digital, por intermédio da Internet, propiciou à população ter um amplo acesso à informação, em termos mundiais, e o uso dessa tecnologia foi extremamente relevante na mobilização por legítimos anseios populares.

A reivindicação pela reabertura do Teatro do Parque, por mais que também fosse política, ganhava formas não convencionais de protesto: em vez de passeatas e comícios, o movimento foi marcado por apresentações de música, de teatro e de outras expressões artísticas, que os manifestantes realizavam na frente do teatro.

Por meio de matérias jornalísticas, de informações compartilhadas nos grupos de Facebook e de relatos coletados por veículos de comunicação, aqui serão recuperados alguns dos acontecimentos mais significativos do período em que o teatro permaneceu fechado, de 2010 a 2020.

Já fechado, o Teatro do Parque tornou-se Imóvel de Preservação Especial- IEP, por meio do Decreto Municipal nº 26.620 de 29/08/2012.

No ano de 2013, a Rua do Hospício, que antes tinha seus bares e restaurantes movimentados pelo público que o Teatro do Parque formava, virou palco para protestos organizados em redes sociais. Páginas eletrônicas dentro da plataforma Facebook foram criadas como forma de resistência e luta pela abertura da casa de espetáculos. Comunidades como o “Teatro do Parque (RE) Existe” e “OcuParque” são exemplos de movimentos criados no meio digital, que, extremamente engajados, organizavam manifestações nos entornos do teatro, como, por exemplo, o Sarau das Artes, atraindo a classe artística e os cidadãos que ansiavam por respostas governamentais.

Em 2014, a então Gestora de Teatros e Museus da Prefeitura do Recife, Carmen Piquet, comunicou que não seria possível a reabertura no período prometido, uma vez que o processo de licitação havia sido aberto, mas não fora assinado, inviabilizando o prazo antes anunciado para a entrega da casa de espetáculos. Ainda em 2014, foi publicado no Diário Oficial do Recife o aviso de licitação para execução das obras de serviço e restauro, com a previsão de ser assinado em novembro daquele ano. O prefeito, Geraldo Júlio, assina a autorização e é colocado o novo prazo de 24 meses para a finalização.

A mobilização por parte de artistas marcou aqueles primeiros anos em que o teatro estava fechado, sem previsão para o início de suas obras e sua entrega efetiva. O período em

que o Teatro do Parque permaneceu de portas fechadas não degradou somente o imóvel, mas também todo o seu entorno. Lêda Dias, em seu livro escrito em 2008, já havia mencionado sobre a importância do Teatro do Parque para as ruas da Boa Vista, em especial para os comércios que ali eram fixados. (DIAS, 2008. p. 139):

No final da década de 80, a pracinha construída na Rua do Hospício, estreitando-a no trecho que segue do Teatro até a Igreja Matriz da Boa Vista, repleta de bares e restaurantes, já era um espaço democrático de efervescentes discussões culturais e políticas, onde poetas, músicos, atores, jornalistas, universitários, secundaristas, comerciários, sindicalistas, enfim, onde a cidade se encontrava antes e depois dos espetáculos.

Todavia, com o fechamento do Teatro do Parque, a falta de segurança e a desvalorização do local tomaram conta, sendo uma das queixas mais salientadas pelos manifestantes. Como afirma para o site Leia Já o comerciante Joaquim Argemiro, dono há mais de 30 anos de uma lanchonete que fica localizada na frente do teatro (ARGEMIRO, 2014):

Para todos os comerciantes era maravilhoso, tínhamos uma clientela muito boa. Agora, com essa situação do teatro fica muito complicado trabalhar aqui, até pela questão da segurança, afinal, o movimento na rua cai bastante.

Um inquérito civil no Ministério Público de Pernambuco (MPPE) foi aberto, em 2015, para discutir o restauro inacabado, por meio de uma ação civil. Sendo ajuizado, em 2016, pelo próprio Ministério.

No ano de 2017, foram divulgadas duas publicações no Diário Oficial do Município, realizadas em dois meses de diferença. Na primeira, em agosto, foi publicado um aviso de licitação, que pretendia contratar uma nova empresa para concluir o restauro. Contudo, em outubro, foi divulgado um aviso de suspensão da abertura da Concorrência 001/2017.

Três anos depois, em 2020, a Prefeitura divulga a promessa de concluir as obras até o final do ano, o que foi, de fato, realizado. Encerrando o ciclo de dez anos de muitos entraves, de manifestações e de idas e vindas, o Teatro do Parque tem seu espaço aberto para a cidade do Recife, no dia 11 de dezembro.

A seguir, numa linha do tempo, uma síntese desses acontecimentos:

FIGURA 1- LINHA DO TEMPO



Fonte: elaborado pela autora

3 ENTRE PALCOS, BASTIDORES E FORMAÇÕES: O QUE DIZ A CLASSE TEATRAL PERNAMBUCANA

Os dez anos em que o Teatro do Parque ficou fechado demonstraram a importância que ele tem, não somente para a cidade como um todo, mas também, em particular, para a classe teatral recifense. A persistência de cobranças e fiscalizações, pela classe, retratadas em formato de protestos, sempre com o viés artístico, só ressaltou que aquele era um espaço afetivo, que impactou no desenvolvimento artístico de cada um, assim como nas suas memórias afetivas.

Buscando compreender de que forma o Teatro do Parque colaborou na formação e que lugar afetivo de memória ele ocupa, selecionamos alguns nomes da classe teatral pernambucana, para que eles pudessem relatar suas experiências e memórias sobre o local.

Entre produtores, professores, atores e gestores, as entrevistas foram realizadas tanto de forma presencial como remota, por meio de chamadas de vídeo em plataformas digitais. Utilizando a ideia de entrevistas semi-estruturadas, foram pensadas as seguintes perguntas-base, vislumbrando entender a relação entre o espaço e os entrevistados: 1) “Você lembra da primeira vez em que foi ao Teatro do Parque?”; 2) “Você lembra de algum momento particularmente marcante que você vivenciou no Teatro Parque? ”; 3) “Qual a relevância do Teatro do Parque na sua formação cultural? e, por fim, 4) “Se você pudesse descrever o Teatro do Parque em apenas uma palavra, qual seria essa palavra?”.

Os nomes para as entrevistas foram escolhidos baseados em nosso conhecimento prévio a respeito do envolvimento de cada um dos entrevistados tinha no Teatro do Parque, sendo todos eles, de alguma maneira, atuantes no processo de reabertura e de manutenção desse importante equipamento cultural. Além disso, buscamos perfis diversificados no que tange ao tipo de atuação profissional no movimento teatral pernambucano. Sendo assim, foram entrevistados os seguintes representantes da classe artística pernambucana: o ator e diretor Oséas Borba Neto, o ator/palhaço e gestor cultural Marcelino Dias, o ator e dramaturgo Giordano Castro, a professora e pesquisadora Kalyna Aguiar e o produtor cultural Pedro Portugal.

Como resultado inicial dessas entrevistas, foi-nos possível observar que, em linhas gerais, as experiências dos entrevistados são únicas, de acordo com a vivência pessoal de cada um. A maioria, porém, tem um ponto em comum: nenhum deles consegue recordar ao certo a primeira vez em que foram ao Teatro do Parque. No entanto, todos concordam que o

primeiro contato se deu muito cedo, sendo desde criança ou logo quando passaram a consumir teatro. Apesar de não recordarem de suas primeiras idas ao local, todos relataram alguma experiência de formação cultural e artística ali vivenciada.

Oséas Borba Neto, ator e diretor do grupo João Teimoso, teve uma grande liderança no período em que o Teatro do Parque estava fechado, sempre organizando e atuando nas manifestações. Mostrando imagens e contando relatos, ele compartilha alguns dos momentos vivenciados durante os dez anos de ações que exigiram a reabertura da casa. Assim como relembra as grandes experiências vividas no teatro-jardim. Para ele, que desde novo frequentava as casas de espetáculos no bairro da Boa Vista, o Teatro do Parque era um terreno fértil de cultura, encontros e experiências. (BORBA NETO, 2023):

O Teatro do Parque me permitia ter uma visão mais ampla da cultura de modo geral [...] Os melhores espetáculos, os maiores, os maiores shows que eu tive a honra e pude assistir foram vistos lá no Teatro do Parque [...] Ali foi uma rua de muita efervescência cultural, tinha vários bares, encontros poéticos.

Mesmo frequentando o Teatro do Parque desde cedo, Oséas aponta que sua lembrança mais marcante vivenciada no lugar foi sua visita após a reabertura, no primeiro dia de inauguração.

“Um sonho”. Essa foi a frase escolhida por Oséas para definir o Teatro do Parque. A história de Oséas com o Parque vai para além de experiências artísticas. Sua dedicação perante as adversidades mostrou que, para ele, ali era um espaço que merecia maior atenção das autoridades e da sociedade em geral, especialmente para todos os que desejam usufruir de um belíssimo espaço cultural e entrar em contato com as diversas linguagens artísticas oferecidas. Em suas palavras (BORBA NETO, 2023):

O Teatro do Parque é um sonho, é uma realização, é um espaço de todos. É o espaço mais democrático que a gente tem. Acho que a cultura tem que ser democrática, ela tem que ter esse viés, é de todos, de todo mundo [...] o Teatro do Parque é do povo.

Marcelino Dias, palhaço e atual gestor do Teatro do Parque, diz lembrar-se bem da primeira vez que foi lá. Acompanhado de sua tia, foi no Teatro do Parque que ele viu seu primeiro espetáculo teatral e onde se iniciou seu sonho de se tornar ator. “Foi aqui que eu descobri o que era teatro” (DIAS, 2023). Para além de sua descoberta, Marcelino afirma que foi também no Teatro do Parque que ele pôde presenciar “a importância e a afetividade que as pessoas têm, não só pelo espaço, mas por uma obra de arte (DIAS, 2023). Marcelino

assumiu a gestão do Teatro logo quando a Prefeitura do Recife já estava finalizando o restauro, prestes a devolver esse raro equipamento cultural para a cidade. Ao assumir, ele não se tornou responsável somente por administrar uma casa de espetáculos antiga, cujo retorno à operação era tão aguardado pela população recifense, mas também ficou responsável por contribuir com uma programação que aborde todas as linguagens artísticas que podem ali ser oferecidas, atendendo a produções locais e nacionais, buscando atingir um grande público com essa variedade: “Acho que a importância dele é essa, para a cidade como um todo, e pro movimento cultural também, por causa dessa diversidade e essa possibilidade que ele tem” (DIAS, 2023).

O afeto, ou melhor, afeto pela arte, frase utilizada por ele para descrever o Teatro de Parque, é mostrando não somente em seus olhos ao relatar o momento marcante que viveu lá, ao assistir ao filme *Marcelino pão e vinho* (1955), dirigido por Ladislao Vajda, obra que inspirou o seu nome, mas também ao dizer que o Teatro do Parque é um espaço onde pulsa a própria vida, um espaço que transcende suas funções culturais.

Agora restaurado em tons mais neutros, assemelhando-se mais a sua estética original, Marcelino diz que, mesmo tendo inúmeras modificações durante esses anos e retornando agora a sua antiga feição, o Teatro do Parque segue sendo um espaço acolhedor. (DIAS, 2023):

Hoje em dia ele [Parque] se tornou esse senhor, com esse tom mais voltado pro Art Déco, que é de sua origem, que dá uma certa sobriedade [...] Ele tá sóbrio, tipo, agora eu estou maduro para receber o que vem aí pelo próximo século.

A professora e pesquisadora, doutora pela Universidade Federal de Pernambuco, Kalyna Aguiar afirma que o Teatro do Parque fez parte da sua vida e de sua formação. Ela conseguiu vivenciar tanto a experiência de espectadora, sentando nas suas poltronas, quanto de atriz, ocupando com sua verdade cênica o palco. Kalyna relata que, devido a sua localização e fácil acesso, o Teatro do Parque era um ponto de encontro, em que ela se reunia toda semana com seus amigos para assistir a espetáculos e shows. As áreas comuns do Teatro viravam pontos de discussões, formações e aprendizados, uma vez que o Recife vivia uma época de grande desenvolvimento artístico e cultural. (AGUIAR, 2023):

Vivenciamos experiências artísticas lá dentro do teatro [...] conhecendo artistas de fora, aprofundando trabalhos com artistas locais. Era também esse ponto de encontro, era uma roda de conversa espontânea. Isso era formação também, mas a gente não fazia essa ponte. Nós vivenciamos experiências que hoje a gente identifica como formação.

Devido às suas vivências práticas e artísticas, já que ela antes mesmo de entrar na Universidade já era atriz, Kalyna ressalta que o Teatro do Parque foi um espaço de grande desenvolvimento profissional e pessoal, uma vez que ela adquiria experiência em cena e por meio das programações oferecidas. “O Teatro do Parque foi uma escola para muita gente” (AGUIAR, 2023).

Ao ser perguntada qual seria a palavra que, para ela, define o Teatro do Parque, Kalyna escolheu “Evoé”. Esse termo surge como uma saudação, invocação em meio às adorações a Baco, o deus do vinho na mitologia romana, também chamado de Dionísio na Grécia Antiga, que simboliza boas energias.

Egresso do Curso de Artes Cênicas/Licenciatura, da Universidade Federal de Pernambuco, e membro-fundador do Grupo Magiluth, o ator e dramaturgo Giordano Castro relembra que as primeiras vezes em que esteve no Teatro do Parque já foi como ator, para se apresentar em cursos de formação. Mesmo tendo mais proximidade com o teatro, frequentando os equipamentos da cidade após entrar na Universidade, Giordano conta das suas “escapadas” ao Teatro do Parque, após ir carregar seu passe-fácil, cartão para utilizar os meios de transporte público, na Rua Maciel Pinheiro, próxima ao Teatro do Parque. Frequentou bastante o teatro-jardim durante uma das edições do Festival Recife do Teatro Nacional, realizado pela Prefeitura do Recife, em que pôde observar os profissionais do ramo teatral, reunidos e confraternizando: “Lembro do clima de festival dentro do Teatro do Parque. Para mim, que estava começando, era muito impressionante. Você ver toda a classe reunida em um canto só, quase um carnaval teatral” (CASTRO, 2023).

Ele analisa que a importância do Teatro do Parque se dá por meio da acessibilidade que esse espaço cultural proporcionava. Pelo fato de vender ingressos a preços populares, muitos conseguiam usufruir de boas programações artísticas, em especial os estudantes, que não tinham muito recursos.

O Teatro do Parque e Giordano se encontraram novamente em outras fases de suas vidas. Giordano, agora não mais estudante e atual membro de um dos mais relevantes grupos de teatro do Recife, encontrou um novo Teatro, que por mais que tenha cara de “arrumadão”, é “povão”, como ele descreveu. O grupo Magiluth apresentou no palco do restaurado Teatro uma de suas peças, com o ingresso a R\$1,00. A reivindicação partiu pelo desejo do grupo em fazer com o que Teatro do Parque voltasse a ter um acesso democrático e popular, com valores de ingressos que fossem mais condizentes com a região em que está localizado: “A gente fez essa apresentação, como uma apresentação de protesto, no dia do

trabalhador. Lotamos o Teatro. Pra mim foi uma das coisas mais marcantes e bonitas” (CASTRO, 2023).

Membro da equipe do Teatro do Parque há mais de 15 anos, o produtor cultural Pedro Portugal acompanhou todo o processo de restauro e a reabertura do local. Em suas memórias, ele recorda de ir pela primeira vez ao Teatro para assistir a uma peça infantil, realizada por Leandro Filho.

Sua trajetória no Teatro do Parque começou desde cedo, uma vez que foi onde ele realizou sua primeira produção profissional. A paixão e a dedicação que Pedro Portugal tem pelo Teatro do Parque são vistas na empolgação de sua fala ao relembrar com detalhes sua primeira ida ao lugar e sua primeira experiência profissional, assim como na palavra que ele escolheu para definir esse espaço cultural: “Lindo”. Para ele, “O teatro-jardim mais bonito do Brasil” (PORTUGAL, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender a relevância que o Teatro do Parque tem para a classe teatral pernambucana. A partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas em formatos *online* e presencial, os entrevistados relataram desde memórias de infância até trabalhos profissionais realizados no local.

Muito do que foi discutido pelos entrevistados tem ligação direta com a história da fundação do Teatro do Parque. Isso parece se dá, primeiramente, pela localização escolhida pelo Comendador Bento Luís de Aguiar ao realizar seu empreendimento. O Teatro do Parque, localizado na Rua do Hospício, na Boa Vista, está a poucos metros da Avenida Conde da Boa Vista, via prioritária para quem vem dos subúrbios para o Centro do Recife. Nessa região da cidade, existe uma vasta movimentação de pedestres e de carros, assim como vários estabelecimentos comerciais ao redor. Tendo como consequência, maior rotatividade de pessoas e maior facilidade para os espectadores acessarem o local.

Com isso, o entorno do Teatro do Parque permanecia sempre movimentado. As ruas e bares próximos viravam pontos de conversas e confraternização. Em alguns dias de espetáculos, as filas chegavam a contornar a esquina, entrando na Avenida Conde da Boa Vista. A Rua do Hospício era preenchida por espectadores, artistas e profissionais da classe artística. Com o fechamento do Teatro, para restauro, a rua que, era tão movimentada, passou a ficar esvaziada, sobretudo à noite. Alguns comércios, notadamente bares e restaurantes, fecharam devido à falta de demanda e os que se mantiveram passaram a temer pela falta de segurança, pelo fato de a Rua do Hospício ter virado um local um tanto abandonado, à mercê da violência, com um visível aumento no número de pessoas em situação de rua e também dependentes químicos pelos arredores.

O segundo aspecto significativo observável em diversos momentos da história desse espaço cultural: o Teatro do Parque sempre ofereceu ingressos a preços mais acessíveis. Essa característica perpetuou-se até seu fechamento, em 2010. A oferta de ingressos a valores mais baixos do que os cobrados em outros teatros possibilitou, também, maior acesso às apresentações e filmes ali exibidos. Os entrevistados ressaltaram que, na época em que eram estudantes e não conseguiam arcar com valores altos de ingressos, o Teatro do Parque foi o grande veículo para que eles pudessem usufruir de bens culturais. Destacaram não somente a importância de terem acesso à experiência teatral, mas também a de terem a possibilidade de conviverem naquele espaço com outros nomes da classe, fazendo conexões, participando de

discussões sobre teatro e sobre cultura em geral. Como bem pontuado por Kalyna Aguiar, uma das entrevistadas, ali eles vivenciaram uma verdadeira formação cultural e teatral.

O Teatro do Parque foi também palco para apresentações e produções teatrais protagonizadas pelos entrevistados. A maioria afirmou que já se apresentou no local ou que já trabalhou na área de produção em montagem de espetáculos.

A primeira ida ao Teatro do Parque é algo embaraçado na memória de alguns, uma vez uma parcela foi lá durante a infância e durante a adolescência. Uma parte afirma ter ido assistir a peças de teatro infantil; outra, para atuar em apresentações artísticas ou para fazer cursos.

A importância do Teatro do Parque para esse grupo selecionado se evidencia no reconhecimento que eles têm sobre o papel formativo que esse espaço teve no desenvolvimento de suas carreiras profissionais.

Os momentos marcantes selecionados pelos entrevistados colocam o Teatro do Parque como um espaço de afeto. As respostas, que variam entre apresentações, descobertas pessoais e até mesmo a concretização de um sonho de longos anos, denotam o sentimento de apreço por essa centenária casa de espetáculo. O Teatro do Parque passou a ser visto para além do seu espaço físico e do seu intuito de disponibilizar cultura para a população, virou palco para jornadas de crescimento pessoal para os seus frequentadores. Tímido em sua fachada e extremamente extravagante no seu interior, o Teatro do Parque marcou uma geração.

“Afeto pela arte”; “Evoé”; “Sonho”; “Povão” e “Lindo”. É difícil descrever um espaço que guarda tanta história e que fez parte da vida de tantas pessoas. Intrigados e comovidos, os entrevistados buscaram como poderiam sintetizar o local que fez parte da sua formação e que tanto agregou às suas carreiras. Suas respostas permeiam, de certa forma, a motivação e objetivos deste trabalho. As palavras escolhidas são carregadas de histórias. Histórias pessoais e Histórias do próprio teatro. Recuperar a história do Teatro do Parque permite compreender onde ele se encontra agora, reconhecendo que sua influência na cultura local não é algo novo.

Concluimos ainda, nesta pesquisa, que, para o campo da Pedagogia do Teatro, conhecer um pouco mais sobre um espaço da relevância do Teatro do Parque significa oferecer a docentes de Teatro todo um universo de saberes que podem – e que precisam – ser trabalhados com estudantes, dos mais diversos níveis educacionais, tanto no ensino formal, nas escolas, como também no ensino informal, em cursos livres, oficinas etc. Um manancial muito rico, que se oferece para o trabalho de mediação cultural, podendo suscitar fecundas discussões sobre as relações entre o Teatro e a História, a Política, a Educação, além

de inspirar criações artísticas e novas pesquisas sobre a arte e a cultura de nossa terra.

O Teatro do Parque, por tudo isso, é mais do que uma bela casa de espetáculos: é um valioso lugar de formação cultural, onde podemos aprender, entre muitas outras coisas, a termos mais afetividade pelo Recife.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Kalyna. **Entrevista Kalyna Aguiar**. [ago. 2023]. Entrevistadora: Helena Maria Farias Claudino dos Santos. Recife, 2023. Vídeo: 22min56s. Publicado pelo canal HELENA MARIA FARIAS CLAUDINO DOS SANTOS. 10 set. 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/jp-Mlw8rd7U>>. Acesso em: 10 set. 2023.
- ARGEMIRO, Joaquim. **Teatro do Parque não será entregue no seu centenário**. [Entrevista concedida a] Marília Melo. Leia Já, 2014. Disponível em: <<http://www.vaicairnaoab.com.br/cultura/2014/04/14/teatro-do-parque-nao-sera-entregue-no-seu-centenario/>>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, Isabelle. **Virada Cultural do Teatro do Parque cobra a reabertura do equipamento cultural**. Diário de Pernambuco, 2017. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/08/virada-cultural-do-teatro-do-parque-cobra-a-reabertura-do-equipamento.html>>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- BAZZAN, Denise. **Primavera Árabe**. [Entrevista concedida a] Alice Elias. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/50927>>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- BESSA, Silvia. **Teatro do Parque: reforma e restauro da história e dos afetos do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2020.
- BORBA NETO, Oséas. **Após longa reforma, Teatro do Parque tem pedido de tombamento aprovado pela Fundarpe**. [Entrevista concedida] a Bruno Vinicius. JC, 2022. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2022/02/14948498-apos-longa-reforma-teatro-do-parque-tem-pedido-de-tombamento-aprovado-pela-fundarpe.html>>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- _____. Entrevista Oséas Borba Neto. [ago. 2023]. Entrevistadora: Helena Maria Farias Claudino dos Santos. Recife, 2023. Vídeo: 37min58s. Publicado pelo canal HELENA MARIA FARIAS CLAUDINO DOS SANTOS. 08 set. 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/keyitvEjh6U>>. Acesso em: 08 set. 2023.
- BRASILEIRO, Paula. **Finalmente, o Teatro do Parque vai reabrir; mas e agora?**. Leia Já, 2020. Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2020/11/26/finalmente-o-teatro-do-parque-vai-reabrir-mas-e-agora/?fbclid=IwAR33tDfStM-pZHg9-%20nQPdEfr_eNDmV5zCGdThi31cq4lj6DIh63xzgZ4--Q>. Acesso em: 26 jul. 2023.
- CASTRO, Giordano. **Entrevista Giordano Castro**. [ago. 2023]. Entrevistadora: Helena Maria Farias Claudino dos Santos. Recife, 2023. Vídeo: 37min58s. Publicado pelo canal HELENA MARIA FARIAS CLAUDINO DOS SANTOS. 08 set. 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/vMKtKpyEUGQ>>. Acesso em: 08 set. 2023.
- DIAS, Lêda. **Cine-teatro do parque: um espetáculo à parte**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

DIAS, Marcelino. Entrevista Marcelino Dias. [ago. 2023]. Entrevistadora: Helena Maria Farias Claudino dos Santos. Recife, 2023. Vídeio: 23min37s. Publicado pelo canal HELENA MARIA FARIAS CLAUDINO DOS SANTOS. 10 set. 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/huHiPLqsDVQ>>. Acesso em: 10 set. 2023.

FERNANDES, Marcus. **Ato em prol do Teatro do Parque acontece nessa sexta (27)**. Leia Já, 2014. Disponível em: <<https://www.leiaja.com/cultura/2014/06/26/ato-em-prol-do-teatro-do-parque-acontece-nesta-sexta-27/?fbclid=IwAR0hB-seyLyq-%20EYHBNhgHt3O9IWsnMIMgQPwbeMk4mrHugKMTFO8uxIfA>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

_____. **Na festa de 99 anos, Teatro do Parque segue fechado**. Leia Já, 2014. Disponível em: <<https://www.leiaja.com/cultura/2014/08/22/na-festa-de-99-anos-teatro-do-parque-segue-fechado/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

FERREIRA, Jair Cesar Maturano. **Praça Roosevelt: possibilidades e limites de uso do espaço público**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.8.2009.tde-08022010-130251. Acesso em: 16 mar. 2023.

FIGUEIRÔA FERREIRA, A. **Fernando Spencer e o cinema de arte do Recife**. Faces da História, v. 9, n. 1, p. 83-106, 26 jun. 2022. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/2301>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES: uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em ciências sociais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr. 1995.

INQUÉRITO civil no MPPE vai discutir situação do Teatro do Parque. **Diário de Pernambuco, 2015**. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2015/12/teatro-do-parque.html>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

JOÃO ALBERTO: Os shows. **Diário de Pernambuco**, Recife, 10 mai. 1981, n. 00123, p. 3. Seção: Sociais. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pesq=projeto%20se%20is%20e%20meia&pasta=ano%20198&hf=memoria.bn.br&pagfis=26580>. Acesso em: 23 jul. 2023.

LICITAÇÃO para reforma do Teatro do Parque é suspensa. **Diário de Pernambuco**, 2017. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/10/licitacao-para-reforma-do-teatro-do-parque-e-suspensa.html>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MACAMBIRA, Germana. **Nova manifestação em defesa do Teatro do Parque já tem data marcada**. JC, 2014. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2014/09/19/nova-manifestacao-em-defesa->

do-teatro-do-parque-ja-tem-data-marcada-146597.php?fbclid=IwAR0hB-seyLyq-
YEYHBNhjgHt3O9IWsnMIMgQPwbeMk4mrHugKMTFO8uxIfA>. Acesso em: 24 jul.
2023.

MELO, Jamildo. **Gestão Geraldo Julio promete entregar Teatro do Parque reformado até o final do ano**. JC, 2020. Disponível em:
<https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/jamildo/2020/08/24/gestao-geraldo-julio-promete-entregar-teatro-do-parque-reformado-ate-o-final-do-ano/?utm_medium=social&utm_source=whatsapp&utm_campaign=social&fbclid=IwAR07heDf11BPyrneWtlIKXJDZr8wJSNo5jygdB-hQmYbJO6PrFv_JvLtkyk>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MPPE vai cobrar na justiça retomada de obras do Teatro do Parque. **Diário de Pernambuco**, 2016. Disponível em:
<<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2016/03/mppe.html>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

NOTARO, Tatiana. **Licitação para obras do Teatro do Parque é suspensa pela Prefeitura do Recife**. Folha de Pernambuco, 2017. Disponível em:
<<https://www.folhape.com.br/cultura/licitacao-para-obras-do-teatro-do-parque-e-suspensa-pela-prefeitura-do/45546>>. Acesso em: 25 ju. 2023.

PARENTE, Claudia Maria Cardoso; MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. “‘Armária’, ‘armaria’, ‘armaria’, a bubônica!”: comportamentos e estratégias coletivas diante de uma epidemia de peste que assolou exu, no sertão pernambucano, em 1935. **Revista Nupem**, [S.L.], v. 15, n. 34, p. 84-101, 18 jan. 2023. Universidade Estadual do Parana - Unespar. <http://dx.doi.org/10.33871/nupem.2023.15.34.84-101>. Disponível em:
<<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/4864/5251>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

PASSOS, Paula. **Teatro do Parque (Re)existe exige reabertura do espaço**. Leia Já, 2014. Disponível em: <<https://www.leiaja.com/cultura/2014/06/27/teatro-do-parque-reexiste-exige-reabertura-do-espaco/?fbclid=IwAR0D2H-%20v8hyzWx89qbQHa6j84FLedC3Kp8tmBJvNS1senXrNYMDv6nRdpWM>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PORTUGAL, Pedro. **Entrevista Pedro Portugal**. [set. 2023]. Entrevistadora: Helena Maria Farias Claudino dos Santos. Recife, 2023. Vídeo: 29min17s. Publicado pelo canal HELENA MARIA FARIAS CLAUDINO DOS SANTOS. 10 set. 2023. Disponível em:
<https://youtu.be/hrLtVd_tyUQ>. Acesso em: 10 set. 2023.

PREFEITURA do Recife anuncia nova fase da reforma do Teatro do Parque. **Diário de Pernambuco**, 2017. Disponível em: <
<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/08/prefeitura-do-recife-anuncia-nova-fase-da-reforma-teatro-do-parque.html>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PROJETO Seis e Meia estréia na 2ª feira. **Diário de Pernambuco**, Recife, 04 jul. 1981, n. 00179, p. 6. Seção: Educação. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pagfis=29420>. Acesso em: 25 jul. 2023.

RECIFENSES ganharão de volta o Teatro do Parque. **Prefeitura do Recife**, 2014. Disponível em: <<https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/02/12/2014/recifenses-ganharao-de-volta-o-teatro-do-parque>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

REIS, Luís Augusto. **TPN Teatro Popular do Nordeste: O palco e o mundo de Hermilo Borba Filho**. Recife: Cepe, 2018.

SILVEIRA, Marcelo Deiro Prates da. Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 24, n. 4, p. 42-51, dez. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932004000400006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TwtP4fS3hfWVmx9HptM7pLn/?lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SILVIO, Carlos. **Movimento popular pede a volta do Teatro do Parque**. Leia Já, 2014. Disponível em: <https://www.leijaja.com/cultura/2014/09/19/movimento-popular-pede-volta-do-teatro-do-parque/?fbclid=IwAR2GOyhpQi0_1HgQGq8g78VpBQHd6plbcovquk7vjBMZJuEWA%20eGtuIG5Kbo>. Acesso em: 25 jul. 2023.

TEATRO do Parque: 105 anos na memória da arte pernambucana. **Folha de Pernambuco**, 2020. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/cultura/teatro-do-parque-105-anos-de-memoria-da-arte-pernambucana/152119/>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

TEATRO do Parque Re Existe. Recife. **Facebook: Teatro do Parque RE Existe**. Disponível em: <https://www.facebook.com/teatrodoparque/about?locale=pt_BR>. Acesso em: 20 jul. 2023.

THEATRO do Parque: hoje inauguração do melhor e mais elegante Theatro do Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23 ago. 1915, n. 00231, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&pesq=%22teatro%20do%20parque%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=9168>. Acesso em: 23 jul. 2023.

VINICIUS, Bruno. **Após longa reforma, Teatro do Parque tem pedido de tombamento aprovado pela Fundarpe**. JC, 2022. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2022/02/14948498-apos-longa-reforma-teatro-do-parque-tem-pedido-de-tombamento-aprovado-pela-fundarpe.html>>. Acesso em: 25 jul.